

## **ENTRE OS GREGOS E O OLIMPO: COMO OS ANTIGOS COMPREENDIAM E REPRODUZIAM O SAGRADO.**

Lucas Vitoriano Lopes Cerqueira<sup>1</sup>

### **Resumo**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar como os gregos antigos compreendiam o complexo universo do sagrado e de como este apresentava-se de diversas formas em diferentes meios. A relação do homem antigo com o sagrado e as peculiaridades desta relação são visíveis no temor religioso, na construções de templos, realização de oferendas e outros meios de se interagir com as divindades antigas. A ascensão do pensamento filosófico, a valorização do logos e a relação desta nova forma de ver e interpretar o mundo com a visão sagrada e mística em muito altera a forma com que os antigos interagiam com o sagrado, embora o saber filosófico fosse restrito a apenas uma pequena parcela da população. A difusão do sagrado em diferentes meios, peças de teatro, rituais realizados pelo estado, seu uso nos discursos públicos reforça a teoria aqui defendida de como o sobrenatural estava intimamente ligado as diferentes esferas do mundano e de como mesmo os filósofos que as criticavam em muitos pontos não deixavam de estar inseridos no pensamento sagrado.

**Palavras-chave:** Grécia antiga, religiosidade, mitos.

### **Abstract**

This research aims to analyze how the ancient Greeks understood the complex universe of the notion of sacred and how this notion showed itself in different forms, through different means. The relationship between the ancient man and the sacred, alongside its peculiarities, are notable through religious awe, the construction of

temples, offerings and other means of interaction with the old gods. Despite the fact that philosophical knowledge was only available to a small fraction of the general public, the ascension of philosophical thinking, the appreciation of the logos concept and the relationship between this new way of seeing and understanding the world and the sacred vision drastically changes the way ancient men interacted with the sacred. The propagation of the sacred through different means (such as the ancient Greek drama, state-organized rituals and its use on public speeches) reinforces the theory about how the supernatural was closely linked to the different aspects of the mundane and how the philosophers who criticized it were still inserted in the sacred way of thinking.

**Keywords:** Ancient Greece, religion, myths.

Este trabalho tem como objetivo analisar como os gregos antigos entendiam o sagrado, como era por eles visto seu vasto panteão de deuses e como os indivíduos agiam em relação a essas divindades, como realizavam os seus cultos e com que propósitos? Tentariam agir sempre em benefício das divindades as quais respeitavam: Ou, astutamente, tentariam engana-las, realizando um intercambio com os deuses desfavoráveis aos mesmos?

Minha duvida inicial foi como começar minha pesquisa, qual seria meu ponto de partida? Decidi-me estudar como os gregos antigos compreendiam o sagrado, como *eles* viam os deuses e as entidades sobrenaturais, mas as fontes para estudo de historia antiga são poucas, e, como toda fonte, chegam ate nós historiadores repletas de subjetividades aos quais muitas vezes não nos damos conta. Percebi que, inicialmente, fazia-se necessário um estudo do que era considerado sagrado para os antigos, e, neste complexo repertorio inserem-se os mitos. Mas como empreender tal estudo? Os mitos existem em um tempo antes do tempo, o tempo do eterno, o tempo dos deuses. Usa-los como fonte é, certamente, uma tarefa que exige antes de tudo cautela.

A escrita permitiu que os mitos antigos fossem “cristalizados” e pudessem resistir a dura passagem do tempo ate chegar aos dias de hoje. Mas essa cristalização traz, em si, uma grande perda. O historiador de hoje não pode capturar e apreender os mitos, pois eles não podem ser captados em toda sua complexidade em qualquer forma escrita (como não o podem em pinturas, em vasos antigos, em estatuas representando os

deuses ou nas ruínas dos templos). Tudo que nos resta são sombras, ecos difusos do passado, mas, por ser exatamente isso que temos, devemos aprender a trabalhar com essas sombras. É o que tentarei fazer nos parágrafos que se seguem.

Não podemos, como um Tales de Mileto, focarmo-nos apenas nas alturas aonde residem os deuses e esquecermos do que se passa no mundo dos homens<sup>2</sup>. A maior dificuldade no presente trabalho é estudar os mitos e perceber como eram compreendidos pelos antigos. De que forma eram reapropriados, em que espaços, por quais pessoas e com quais intenções? Um filósofo como Platão nascido em 427/428 a.C., em Atenas, teria a mesma percepção do sobrenatural do que um pequeno proprietário de terras como Hesíodo, nascido na Beócia no longínquo século VIII a.C.? Certamente que não.

Inicialmente tentarei definir o que é mito para os antigos e tecer alguns comentários sobre o tema, em seguida apresentarei os riscos e limitações de se usa-los como fonte. Essas discussões são essenciais para o entendimento do sagrado e de seus usos.

Finalmente tratarei de como eram compreendidos pelos antigos suas divindades e de como os homens e mulheres interagiam com elas. Sendo enorme o abismo que separa a relação com sagrado de nossos tempos com a forma como os gregos antigos se relacionavam com suas divindades discorrerei sobre essas diferenças..

Embora este estudo se limite, como já dito, entre os séculos VIII e IV a.C., me deterei no período anterior a cidade-estado grega, o período micênico, apresentando a sociedade neste época para assim poder seguir adiante e explicar com maior riqueza de detalhes as mudanças que surgiram com o surgimento da *polis*, apresentando a temporalidade ao qual pretendo me ater.

Em seguida irei tratar de como a sacralidade estava difundida e enraizada na sociedade grega, em seus diversos meios: nas leis, nos banquetes, nos discursos públicos, nos rituais, nos teatros ect.

A Grécia antiga não foi imune a mudanças entre os cinco séculos analisados, assim, examinarei as diferenças que surgiram neste período no que tocava ao sagrado detendo-me principalmente na evolução do pensamento filosófico e no declínio do espírito cívico e a valorização do caráter individual.

## O mito e seus usos como fonte

Muito se fala do mito, mas é preciso definir, para o propósito deste estudo, este conceito. Mito é entendido como um acontecimento ocorrido no tempo primordial (um tempo distinto do tempo dos homens), este acontecimento teve como causa a interferência de entidades sobrenaturais e tem como propósito explicar o surgimento de uma realidade, seja esta uma realidade total (o surgimento do mundo, como na *Teogonia*<sup>3</sup> obra a qual falaremos mais adiante), ou uma realidade parcial, como o surgimento de um animal, uma flor, uma constelação ou a origem de um rito sagrado. Na mitologia grega os exemplos são inúmeros: existem mitos para explicar o surgimento do galo, da aranha, de constelações como a Ursa maior, Andromeda, Pegaso. Flores como o jacinto e o narciso também tiveram suas origens explicadas em mitos. Até mesmo a importância de determinados lugares são explicadas por mitos como é o caso da ilha de Delos. Em suma o mito tem como função explicar como uma realidade teve seu início<sup>4</sup>. Mircea Eliade ao tratar destes mitos divide-os em “mitos de criação”, ou seja, mitos que tratam da criação do universo nos tempos primordiais e “mitos de origem”, este segundo grupo trata-se de um prolongamento do primeiro grupo, não definem como o universo foi criado, mas como algo passou a existir, alterando a realidade dos tempos primordiais e explicando como uma parte da realidade passou a existir.

Os mitos possuem então um fator *sobrenatural*, mas podem, além disso, possuírem também características ilógicas, absurdas, aparentemente inexplicáveis. Por exemplo, citemos o mito de Teseu, o herói ateniense que enfrenta e mata o Minotauro, ser monstruoso meio homem e meio touro. Este mito, apresentado aqui de forma bastante simplória, é, nos aspectos aqui mostrados, perfeitamente compreensível e não carece de qualquer explicação para seu entendimento. Por outro lado, se retornamos no tempo do mesmo mito e analisarmos o nascimento do Minotauro, constataremos, horrorizados, que este veio do ato sexual da mortal Pasifae com um touro. Fato absurdo? Talvez a primeira vista assim pareça, mas o mito não tem obrigação de seguir ao lógico. Para os antigos não havia importância nessa diferença, que afinal não existia, eles não separavam o racional do irracional, pois o mito era tido como uma história verdadeira. Isso irá mudar com a valorização da *logos* pelos filósofos, mas este é um assunto a ser tratado mais adiante.

Tendo este ponto bem definido podemos notar que, as obras de Homero, a *Iliada* e a *Odisseia*, dos fins século IX ou início do VIII a.C.<sup>5</sup>, também contem em si, mitos, inúmeros por sinal como a criação dos muros da cidade de Troia, por interferência do deus Posidon, e a destruição da mesma cidade. É também pela interferência do deus que se explica, através do mito, como a cidade dos Feaces, hábeis navegadores, se torna cercada de montes, impossibilitando-se assim a navegação<sup>6</sup>. Os versos de Homero eram declamados em banquetes e em praça pública. Inspiravam, desde pequenos, os futuros cidadãos tendo um enorme peso na educação dos gregos. Acerca disso Hartog, analisando os regimes de historicidade nos tempos antigos, define o regime dos gregos como “regime heroico de historicidade”. Os indivíduos seguiam como modelo a ação dos deuses e heróis lendários, um modelo de conduta. Os mitos então geravam uma direção para a ação dos homens e mulheres, guiando-os, tanto nos maus exemplos, ensinando-os a evitar determinadas atitudes, como nos bons.

Em que sentido então o mito deve ser utilizado como fonte de análise? A analogia entre mito e ficção é por demais comum o que torna seu uso bastante complicado em um estudo histórico. Como já dito, na forma escrita que se chegou até nós, perde muito de seu valor original. Os mitos antigos possuem, transmitidos oralmente durante séculos e alterados devido a diferentes propósitos, inúmeras variantes, as quais apenas algumas chegaram até nós.

As tragédias, comuns na Grécia antiga, ajudaram a preservar muitos mitos. Sofócles (496-406 a.C.) apresenta Edipo-rei em 430 a.C., mas a tragédia exposta pelo dramaturgo conta apenas uma variante do mito de Édipo. É esta variante que chega até nós, quando as demais se não relegadas ao esquecimento, são ao menos obscurecidas pelo brilho da tragédia de Sófocles.

Outro ponto importante é que os mitos, cristalizados pelas tragédias, não apresentam apenas um mito em sua forma *pura*, por assim dizer. Essas obras estão repletas de subjetividades, dos interesses e modos de pensar do autor, que pode, a fim de agradar a plateia, alterar o mito em pequenas, ou até mesmo grandes proporções. As tragédias são feitas afinal, para um público, não a toa que a palavra “teatro” (*theatron*), significa “plateia”, “lugar de onde se vê”.

Mas essa redução do mito não é um obstáculo, pelo contrario, é o que impulsiona este estudo. Meu objetivo é exatamente compreender de que forma e com que propósitos os mitos são reapropriados. As tragédias, de Sófocles e Éurípides, como

de outros, estão datadas no tempo dos homens, e não presas ao tempo do mito. Sendo assim é possível analisá-los historicamente, entender o contexto e os propósitos ao qual foram produzidas.

### **Os gregos e sua sacralidade**

Embora as divindades, como também os inúmeros entes sobrenaturais, manifestem-se através de fenômenos (Zeus através das tempestades, apenas para nos limitarmos a um exemplo), os deuses não *são* estas manifestações, estão acima delas. O divino está intrinsecamente ligado ao mundano, nas árvores, nas manifestações da natureza, em pedras, árvores, animais. Os gregos antigos não separavam as duas coisas, pois eram uma. Os deuses então:

*“não são pessoas, mas Potências. O culto os honra em virtude da extrema superioridade do seu estatuto (...) constituem uma raça que, ignorando todas as deficiências que marcam as criaturas mortais com o selo da negatividade – fragilidade, fadiga, sofrimento, doença, transpasse - , encarna não o absoluto nem o infinito mas a plenitude dos valores”* (VERNANT, 1992, p. 15)

Sendo potenciais essas entidades sobrenaturais se apresentavam de diversas formas, complexas e confusas. Aos antigos era necessário uma constante e cautelosa relação com elas, pois o sucesso ou o fracasso, em qualquer empreendimento, dependia da boa relação que mantinham com os deuses.

Rodeado de tantas potências era certamente uma árdua tarefa manter-se bem relacionado com todas ao mesmo tempo. Do desagrado de apenas uma divindade poderiam advir muitos males. Comumente ao agradar uma divindade se estava, conseqüentemente, entrando-se em conflito com outra, ou pior, *outras*. Era uma situação agônica a dos antigos, forçados a jogar e a negociar com tantas divindades, um jogo em que o perigo era constante, afinal qual pequeno é o humano em comparação ao divino? Para piorar a vingança de um deus contra um indivíduo em particular podia estender-se a uma família inteira, ou a toda comunidade. Paris por eleger, como a mais

bela entre as deusas, Afrodite, garantiu assim a proteção da deusa, que foi certamente valiosa<sup>7</sup>, mas em contrapartida despertou o ódio e rancor de Atena e Hera, deste episódio iniciou-se a maior e mais sangrenta guerra presente na mitologia grega, a guerra que opôs a gregos e troianos narrada por Homero nos volumosos 14 mil versos da *Ilíada*.

A eleição de Paris para a mais bela das deusas é um caso interessante de se analisar, primeiramente porque não se tratou de uma eleição, não ao menos uma do tipo justa. O mais correto é dizer que se tratou de uma barganha, um negócio ao qual Paris teve que escolher o que mais lhe beneficiaria. Cada uma das deusas ofereceu a ele uma recompensa caso fosse escolhida. Atena glória e fama na guerra, Hera poder e riquezas, mas foi Afrodite quem soube melhor corresponder aos desejos do mortal. Paris não elegeu-a por considerá-la a mais bela dentre as deusas, mas sim porque essa ofereceu-lhe mais valioso prêmio: o amor de Helena de Troia a mais bela mortal.

As divindades estavam presentes em tudo, e, como potências, agiam sobre os homens induzindo suas ações. Tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia* podemos perceber claramente este poder exercido pelas divindades que não influenciam apenas as ações, mas também as emoções dos indivíduos.

A sacralidade dos gregos em muito se difere da religião cristã de nossos dias. Se tomarmos a própria palavra "Religião" (do latim *religione*) ela está ligada ao verbo *religare* que significa a "ação de ligar". Ora, só se liga o que está separado, e como já dito os gregos não separavam o mundano do sagrado, como fazemos nos dias de hoje.

Existiam santuários é bem verdade, aonde os deuses apresentavam-se em grande esplendor, mas as divindades não se limitavam a estes espaços. Estavam presentes tanto na polis quanto fora dela, isso não significa porém que sejam onipresentes ou onipotentes, como o é o deus cristão. Os deuses poderiam ser enganados, mas certamente não por muito tempo, era preciso sempre ter cautela ao se relacionar com eles.

Para finalizar este tópico resta-me ressaltar que difícil é aos humanos ver o divino, e se poetas como Homero ou Hesíodo tentaram em suas obras, representar as divindades eles não poderiam representá-las em sua totalidade. Primeiro porque isso é impossível, interpretaram os deuses a sua maneira, mas muitos outros o fizeram de diferentes formas.

## Antes da cidade-estado

Antes de nos determos nas cidade-estados, as *polis*, devemos compreender o período que se antecedeu a elas, suas características próprias, para assim podermos entender a transição lenta e gradual que houve para que as mesmas se formassem. Começamos então na metade do segundo milênio a.C., no período micênico.

Nesta época não haviam cidades propriamente ditas, mas sociedades palacianas, cada uma dirigida por um “rei” que reunia em sua pessoa características políticas, militares e religiosas. Estes reis eram descendentes de Zeus, não exatamente por descenderem, em linha direta, do senhor do Olimpo, mas por herdarem e manifestarem as potências de Zeus, suas qualidades que os distinguiam como soberanos.

Cada um destes reis possuía uma *genos* aonde nela residiam em sua *oikos*. Sobre as *genos* e as *oikos* Ciro Flamarion nós da uma explicação bastante esclarecedora:

*“Cada genos era o núcleo em torno do qual se organizava uma “casa” real ou nobre, oikos, que reunia pessoas – além da família diversas categorias de agregados livres e de escravos – e bens variados (terras, rebanhos, o “palácio” – de fato bem modesto -, um “tesouro” constituído por reservas de vinho e alimentos, objetos de metal, tecidos preciosos ect), todos e tudo obedecendo ao chefe do genos em questão” (FLAMARION, 1987,p.20)*

Além do território da *genos*, e transitando entre uma *genos* e outra, existiam trabalhadores livres, artesãos, médicos, profetas, poetas (*aedos*), entre outros. É importante nos atentarmos para estes dois últimos, profetas e *aedos*. Os primeiros eram interpretes do divino, pessoas dotadas de maior capacidade que os demais e que podiam, lendo os sinais e manifestações do sobrenatural, descobrir porque um deus estava ofendido com um mortal e como fazer para aplacar sua ira. Encontramos um destes profetas logo no primeiro canto da *Ilíada*, Orestes. O vidente tem como função mediar a comunicação entre o humano e o divino. Devido as suas habilidades esses indivíduos usufruíam de um maior prestígio. Tal prestígio não era de pouca valia, os templos, como o de Delfos, tinham tanta importância que serviam como referência para todos os



gregos, não apenas a uma única polis, a sacerdotisa que ali fazia suas previsões, uma vidente, possuía grande importância e prestígio.

Já os *aedos* eram poetas que declamavam seus cantos, transitavam de um *genos* a outro difundindo suas poesias. Tiveram eles uma função de especial importância, pois criaram um repertório de mitos e histórias comuns em toda a Grécia. As cidades-estados que se formaram posteriormente, embora tivessem peculiaridades próprias, mantinham em comum esse repertório de histórias. Criou-se, na época das cidades-estados, uma identificação mais geral que fizera com que homens e mulheres, mesmo se identificando como pertencentes a cidades diferentes, ainda se viam como semelhantes por terem a mesma cultura. Nisso diferenciavam-se dos que consideravam “bárbaros”, ou seja, aqueles que não compartilhavam da mesma religião e nem falavam sua língua.

Os aedos, aos quais os mais importantes foram Hesíodo e Homero, tiveram grande importância na formação da cultura grega e também na educação. Como os profetas eles também transitavam entre o plano do mundano e do sagrado. Se cantavam sobre os deuses, se falavam de seus mitos, só o faziam porque eram inspirados pelas divindades, pois só com o auxílio dos entes sobrenaturais é que poderiam falar deste mundo divino.

E quais divindades eram essas? Os aedos estavam ligados as musas, ou a musa (as vezes o termo aparece no singular, as vezes no plural). Quem eram elas? As musas eram filhas de Zeus com a titânida Mnemosine (memória), elas eram quem inspiravam os artistas, e apenas por influência delas que poderia ser possível cantar belamente ou declamar poesias.

Eram as musas também potências e por isso era preciso negociar com estes seres sobrenaturais, agradecer-lhes para adquirir assim benefícios. Se Homero consegue cantar acerca da guerra de Troia e do retorno de Odisseu a Itáca é porque as musas, pertencentes ao mundo divino, existindo tanto no tempo dos homens quanto no tempo dos deuses, podiam revelar ao aedo esse conhecimento dos tempos do mito, conhecimento ao qual, sem elas, seria impossível obter acesso.

Para os aedos e demais artistas, havia uma admiração e respeito por essas entidades. Tentavam agrada-las para poderem ser beneficiados por elas. É fácil perceber essa admiração, não isenta de interesse, por parte dos poetas. Homero louva a elas no início de seus dois poemas “Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles”<sup>8</sup>, “Musa, reconta-me

os feitos do herói astucioso que muito peregrinou, dêz que esfez as muralhas sagradas de Troia”<sup>9</sup>.

Eram os aedos perpetuadores da memória, função importante em uma sociedade em que a palavra sempre foi soberana. Mesmo com a difusão da escrita a palavra continuou a ser, por séculos, mais importante.

Voltemos porem a nos atermos na *genos* e ao período micenico. Nesta época as fronteiras entre uma *genos* e outra não estavam bem definidas, não se existia ainda a noção do estrangeiro, noção esta, é importante ressaltar, que se difere da do bárbaro<sup>10</sup>. A noção de estrangeiro só estará claramente entendida quando se existir a de seu contrario, o cidadão, no século VIII a.C.

Uma ofensa a um dos reis daquele tempo poderia resultar em uma guerra, os casamentos realizados poderiam, ao contrario, impedir guerras, unindo por laços de sangue indivíduos de *genos* diferentes. A sacralidade era praticada principalmente em âmbito privado não existindo ainda um culto público aos deuses.

Por volta de 1200-1100 a.C., as sedes palacianas foram desaparecendo, sendo destruídas e os sítios arqueológicos tornando-se mais raros. Não se sabe ao certo as causas para esse fenômeno, as hipóteses, porem, são muitas: grandes migrações populacionais, alterações climáticas, revoltas na periferia, falta de matérias-primas essenciais. A este fenômeno chamamos de “colapso”, e podemos a partir dele perceber mudanças nas novas constituições que irão se formar futuramente.

Passado este colapso as sociedades gregas começaram a se reorganizar pouco a pouco, homens enriqueceram com a pratica do comercio e o “prestígio” antes reservado apenas aos reis, que proclamavam orgulhosamente sua descendência advinda de heróis, ou ate mesmo de deuses, passou a migrar para estes novos homens enriquecidos. Não é que os reis e suas linhagens tenham desaparecido e os comerciantes tomado seu lugar, é mais correto dizermos que através do casamento houve uma fusão destes dois grupos, os comerciantes precisavam do prestígio de uma linhagem excepcional, e os antigos reis, por seu lado, necessitavam da riqueza dos comerciantes pois percebiam, mesmo que não aceitassem, que a noção de prestígio se firmava mais nas riquezas. Era preciso adaptar-se aos novos tempos.

### **A sacralidade nas cidades-estados**

Por volta do século VIII a.C., começou a surgirem as cidades-estados, mais ou menos na mesma época em que os poemas de Homero foram fixados oralmente, e também a época em que Hesíodo viveu. Estes poemas já eram de todos conhecidos fazendo-se parte de um repertório comum. A figura do rei foi reduzida a de um simples magistrado, um entre vários. A sacralidade, antes privada, tornou-se pública. Santuários foram construídos em homenagem as divindades que se apresentavam imponentes em esculturas. Na ágora, praça pública de cada cidade, se discutiam variados assuntos, decidia-se sobre guerras, proclamavam-se leis. Assuntos do interesse de toda a cidade eram ali debatidos e os versos dos aedos eram citados como poderoso argumento, invocava-se as divindades como juízes. Deuses foram escolhidos como protetores de cada cidade,. Atena torna-se a protetora de Atenas e é notório o oráculo dedicado a Apolo em Delfos e o templo de Deméter em Eléusis.

Embora não determinante é importante ressaltar a composição geográfica da Grécia como facilitadora para o surgimento das polis. A Grécia possui inúmeras depressões, cercadas por montanhas. O acesso por terra é bastante complicado, sendo possível mais facilmente pelo mar. O mar mediterrâneo ajudava a aproximar os povos que se começavam a se fixar nas diferentes regiões, aos quais formariam as cidade-estados. É um mar com águas salinas, o que limitava a produção de peixes, o mediterrâneo quase não possui mares e por isso a navegação é dominada pelas correntes marítimas e pelo vento. Devido ao clima nenhuma região poderia ser autônoma, o comercio era essencial e para isso a navegação pelo mar<sup>11</sup>.

Já na cidade-estado podemos ver nitidamente a distinção entre cidadão e estrangeiro. O que define o primeiro grupo é, antes de tudo o seu nascimento, era preciso ser filho de um cidadão, escravos e mulheres também não eram considerados pertencentes a este grupo, foram excluídas, da mesma forma que as Hestia, Hera e Deméter o foram da divisão do mundo pelos deuses, a sociedade dos deuses é, afinal, um reflexo da sociedade dos homens.

Em algumas cidades, como Tebas, era preciso ter renunciado a pelo menos dez anos ao ofício de artesão para ser considerado cidadão, ofício este malvisto, porem tolerado, em toda a Grécia. Entre os deuses é Hefesto quem possui as qualidades de artesão e ferreiro, mas mesmo seu *status* divino não o impedia de ser motivo de chacota entre os demais olímpianos.

O sagrado era tão enraizado ao mundano que Claude Mossé, ao analisar os planos aos quais os cidadãos manifestavam seu “ofício” cívico os divide em três: militar, lutando na guerra para proteger a cidade; político, assumindo um cargo público ou participando das assembleias e, por fim, sagrado, visitando os templos e participando dos rituais. As mulheres excluídas dos dois primeiros poderiam participar apenas do plano religioso e restritas a apenas alguns rituais específicos<sup>12</sup>.

Me limitarei a tratar dos rituais sagrados dedicados a dupla Deméter-Persefone, rituais estes aonde as mulheres tinham papel importante, pois, assim como Geia, ou a própria Deméter, as mulheres estavam relacionadas com a fertilidade, tanto a fertilidade do solo quanto como geradoras, provendo as cidades com novos e legítimos cidadãos.

Era em Eléusis onde se manifestava com mais vigor os ritos relacionados a deusa. As festas dedicadas a Deméter recebiam o nome de eleusinas (referencia a Eléusis), sabe-se que os atletas campeões nestas festas eram presenteados com o trigo sagrado, símbolo claro da deusa da agricultura. Este trigo era colhido nas planícies de Raros, localidade próxima a Eléusis. Nas festas dedicadas a deusa Atena eram oferecidos aos vencedores óleo de oliveira, este associado a deusa.

Voltando aos ritos relacionados a Deméter citemos os mais importantes, as tesmoforias, estas eram festas e ritos sagrados aonde participavam as mulheres casadas pela alusão da fertilidade como uma característica pertencente ao sexo feminino. Se analisarmos a composição da palavra “tesmoforias” atentaremos para o fato de sua composição estar relacionada a duas palavras “thesmos” (instituição sagrada, lei), e o verbo “phérein” (levar, produzir). O hino homérico dedicado a Deméter narra acerca do mito de Deméter e Persefone e de como a deusa da agricultura estabeleceu em Eleusis a criação de um templo em sua homenagem. A mãe de Persefone ensinou aos eleusianos a arte da colheita e de como lavrar a terra e esta arte foi difundida para todas as cidades.

As tesmoforias duravam três dias e ocorriam no mês de *Pianepsion* (segunda metade de outubro). No primeiro dia jogavam-se leitões em fossas profundas, seus restos eram misturados com grãos e sementes diversas e esta mistura colocada sobre os altares e espalhada pelos campos.

O segundo dia destas festividades era denominado “*nesteia*” aonde se praticava o jejum tanto de alimentos quanto sexual. Simbolizava ele a dor e a desconsolação de

Deméter pelo rapto de sua filha. Em Atenas as mulheres formavam uma procissão e se dirigiam a oeste da acrópole aonde passavam o dia em cabanas feita de ramos.

O terceiro dia, denominado *kalliguéneia*, se diferenciava muito do anterior por ser festivo e cheio de alegria. As moças alimentavam-se com uma sopa feita de varias sementes (referencia clara a fertilidade). Nesta festa as mulheres possuíam maior liberdade de gesto e de ações. Este dia marcava o fim das tesmaforas, mas os ritos e festividades dedicados a deusa seguiam no decorrer do ano. Em dezembro eram realizadas as *khloia*, quando o trigo e a cevada cobriam de verde os campos. Nos fins de maio realizava-se as *talisias*, aonde se dedicava a deusa as primícias da colheita.

Ainda haviam a *haloa*, festividades dedicadas a Deméter, mas extensivas a Dionísio, pois eram uma festa da uva, quando se realizava a segunda cava as vinhas, o adubamento das cepas e a degustação do vinho novo. Os rituais faziam parte do calendário cívico, estavam, como já dito, intrinsecamente mesclados a politica, não pertencendo a um campo separado. Para ilustrar isso podemos citar uma lei em Atenas que justifica o dever do estado em financiar festas e a construção de santuários:

*“Quanto aos sacrifícios, santuários, festas e recintos sagrados, como o povo ateniense sabe que um pobre, individualmente, não pode oferecer sacrifícios,, celebrar banquetes, erigir santuários e habitar uma polis grande e formosa, encontrou um meio de conseguir tudo isso. A polis sacrifica as custas do Estado muitas vitimas, mas é o povo quem desfruta dos banquetes e quem reparte (a sorte) os sacrifícios” (PSEUDO-XENOFONTE, 445-420 a.C., lei II.9)*

## **O teatro**

Os teatros, assim como a ágora e os santuários, eram um espaço público. As peças apresentadas, analisarei aqui três tragédias, apresentavam histórias já conhecidos pelo publico, mas a forma como essas histórias eram contadas faziam delas originais em certos aspectos. A tragédia *Medeia* de Eurípedes contava a história de Medeia, feiticeira estrangeira que auxilia o herói Jasão a conseguir o velocino de ouro, item mágico com propriedades curativas. Por ter sido trocada por outra Medeia planejava uma vingança

contra o herói, matando aos próprios filhos que teve com ele e também a sua futura esposa no dia das núpcias.

Apresentada em 431 a.C., a tragédia não agradou tanto a plateia, Eurípides batalhou muito contra a resistência do público as suas obras, alcançou sua primeira vitória nos concursos apenas aos quarenta anos, tendo triunfado apenas cinco vezes em toda sua vida.

Teria sucesso póstumo, no século IV a.C. quando suas tragédias teriam maior receptividade, pois já era mais aceito o concubinato e era possível notar uma visível queda nos casamentos. O assassinato de filhos poderia ser até mesmo aceito se tratasse-se de, como no caso de Jasão e Medeia, uma união que não geraria cidadãos já que Medeia não pertencia a cidade, sendo uma estrangeira.

Já Sófocles em suas tragédias *Édipo-rei* e *Antígona*, conta a trágica história da linhagem do rei Édipo que, sem ter conhecimento, mata o próprio pai e, futuramente, casa-se com sua mãe. Tal crime é imperdoável tanto que, em desespero, Édipo cega-se, mas seu ato em nada lhe exime de sua culpa. É bem presente nos diversos mitos gregos que pouco importa a intenção, mas sim o ato em si. Ao se cometer um ato vil ou desagradar aos deuses os gregos acreditavam que realizando sacrifícios, financiando-se a construção de estatuas ou santuários aos deuses, enfim, negociando com as potências sobrenaturais, seria possível eximir-se de qualquer punição.

## **A filosofia e o sagrado**

Os filósofos não eram homens fora de seu tempo, não negavam totalmente o sagrado, mas tiveram um papel muito significativo na “dessacralização” do mesmo, negando parcialmente elementos presentes na tradição, contrapondo aos mitos a *logos*, a razão.

O primeiro filósofo que temos notícia é Tales de Mileto que viveu no século VI a.C., era um filósofo da *physis*, um “naturalista” que procurava a explicação para o surgimento do mundo não mais no sobrenatural, mas sim no natural. Negando uma explicação como a da Teogonia de Hesíodo procurou ele uma explicação para o surgimento do mundo que não estava fundamentada no sagrado.

Para Tales existia um elemento que dera origem a tudo no mundo, este elemento era a água, pois segundo ele tudo que era vivo era, também, úmido e a secura significava a morte. A água dera origem ao mundo, a água era necessária para que os seres se mantivessem vivos.

Mais importante que nos atermos nos preceitos da filosofia de Tales é percebermos que impacto tiveram e como abalaram a concepção do sagrado. A partir de seu exemplo outros o seguiram, tentando, cada um a sua maneira, encontrar a explicação para a origem do mundo baseando-se, como Tales, não mais nas explicações presentes nos mitos. Anaximandro, discípulo de Tales, propunha que o mundo tivera origem de um elemento infinito e indeterminado, Anaximenes, discípulo de Anaximandro, elegia o ar como elemento originário da vida, pois este era o mais flexível e versátil dentre os elementos.

Com Demócrito (520-440 a.C.), a mitologia sofreu um duro golpe. Propunha ele que tudo no mundo tivera sua origem do choque de partículas indivisíveis (átomos), e portanto, tudo era matéria: homens, deuses e até mesmo a alma. Se tudo era considerado matéria então, conseqüentemente, até mesmo os deuses estavam sujeitos a morte. Séculos mais tarde Epicuro (370-241 a.C.), retomara a linha de pensamento de Demócrito, afirmando que se os deuses são feitos também de matéria como os mortais não haveria então motivos para teme-los.

Já no século IV temos Platão. Ele não nega totalmente os mitos, ao contrário vê neles uma importante ferramenta na educação dos jovens, ideia ao qual debate em sua *Republica*. Aos mitos porém era preciso podá-los. Os deuses não poderiam ser representados como vingativos e cruéis, não poderiam realizar atos hediondos. Platão afirmava que os jovens, ouvindo histórias aonde os deuses, seres a eles superiores, tinham tal comportamento, não se sentiriam culpados em imitá-los o comportamento vil.

O próprio Platão chega até mesmo a usar dos mitos, pois em seu *Banquete* utiliza um mito por ele inventado para explicar a necessidade que todos os homens e mulheres tem em encontrar alguém que os complete. Segundo seu mito, haviam anteriormente três sexos: masculino, feminino e o andrógino, união dos dois primeiros. Os humanos possuíam todos os membros duplicados, mas, por desrespeitarem a Zeus, este os separou em duas metades criando assim os seres humanos como o são hoje. Cada indivíduo, agora incompleto, passaria a procurar a sua metade.

Mesmo Platão se contradiz, pois se na *Republica* afirma que não se deve atribuir ações vis aos deuses, ele assim o faz no *Banquete*, apresentando um Zeus que, encolerizado com os humanos por não o respeitarem, puni-os severamente.

A filosofia não nega essencialmente o mito, mas os examina através do *logos*. Eis aí o principal motivo para as críticas dos filósofos aos mitos: os mitos não precisam ser racionais, sua compreensão e aceitação baseia-se na fé, e não em um exame lógico. O pensamento filosófico foi importante para a “dessacralização” dos mitos sagrados. Importante ressaltar porém que, se as elites pensantes se apropriavam das ideias difundidas pelos filósofos o mesmo não acontecia com a grande maioria da massa popular que, em geral, permanecia fiel a sacralidade tradicional.

## **Conclusão**

No século IV a.C., a sacralidade já perdera muito de seu fascínio. Os mitos que, antes declarados oralmente em banquetes e em festas, encantavam os ouvintes pelo poder mágico e envolvente dos narradores, ao serem transpostos ao meio escrito despiam-se de seu encanto e poderiam ser friamente analisados. Sem estarem sob o efeito do deslumbramento os indivíduos, em especial os filósofos, poderiam pensar criticamente nas histórias lidas e contestar o conhecimento dos mitos.

Já falamos de Platão que “podava” os mitos, retirando deles as partes que achava desnecessárias, este foi um fator importante para dessacralizar os mitos. Podemos ainda citar outro fator, a politização dos mitos. Era claro que os mitos já eram usados como argumento pelos oradores para conseguirem apoiar seus objetivos (tentar proclamar uma lei, apoiar uma guerra), mas uma coisa era usar do sagrado, o que era comum, pois este estava difundido em tudo, outra coisa totalmente diferente era deturpar o sagrado em prol de objetivos pessoais.

Em Atenas isso foi bastante comum, não que não o fosse em outras cidades, mas pela maior abundância de fontes sobre ela podemos falar mais acertadamente. Atenas se tornou, “coincidentalmente”, o ponto de encontro em que praticamente todo herói grego passou, nela tivera passagem: Admeto da Tessália, Edipo de Tebas, Adrasto de Sicione, Orestes de Argos, Castor e Polux de Esparta. O próprio Sófocles faz com que Edipo



passa por Colono, cidade aonde o dramaturgo nasceu. Tinha-se assim a intenção de legitimar a importância da cidade, tornando-a ponto obrigatório de todo herói.

No século IV, podemos ver uma verdadeira “Crise do casamento” ou “reinado das cortesãs”. O sentimento cívico se enfraquecia, o cidadão não procurava mais casar-se para perpetuar sua linhagem gerando novos cidadãos legítimos. Era de conhecimento público a relação de Pericles com sua concubina Aspácia. Maior valor se dava ao individualismo do que ao sentimento público, assim não nos espanta que Fineia consagre uma estatua de ouro sua no templo de Delfos ou quando, mais ousadamente, coloca sua imagem ao lado de Afrodite no templo de Eros, em Téspias.

Enquanto os indivíduos ganhavam mais expressão e espaço nas artes, este espaço era tomado dos deuses, que deveriam tolerar estatuas de mortais tão belas quanto as suas. Assim nos fala Gustave Glotz acerca desses novos tempos:

*“no lugar dos baixos relevos que representavam nos frontões e nas frisas dos santuários os mitos religiosos, as façanhas dos heróis e as cerimônias das festas nacionais, vemos agora, nas praças públicas, nas palestras e nos ginásios, nos parques consagrados as Musas, nos palacetes e nos palácios, as cabeças e os bustos de negociantes enriquecidos, heteras, estrategos e hiparcos, poetas e filósofos”*(GLOTZ, 1988, p. 250)

Vale ressaltar também o culto que difundiu-se e popularizou-se a deuses estrangeiros a polis. Divindades como A grande mãe Frigia, Amon e Isis tinham também seus fieis para o desagrado das divindades tradicionais. O sagrado, do século VIII ao IV a.C., teve inicialmente uma ascensão se comparado ao tempo dos reis da *oikos*. Com o surgimento das cidades estados o espírito público ergue monumentos e templos em homenagem aos deuses. A filosofia, com sua valorização da logos, contesta os mitos tradicionais e a própria magnificência divina, e ela em muito evoluiu do século VI a.C., com Tales em sua busca pela origem do mundo, até o século IV com Platão que negava e contrariava Hesíodo e Homero, tirando dos mitos apenas o que achava pertinente, como também criava seus próprios mitos.

Vemos no teatro Eurípides apresentar uma Medeia que culpa a si mesma pelas suas desgraças, não mais atribuindo seu infortúnio aos deuses, e a escultura, como já

dito revestiu-se de figuras humanas, algo inconcebível no século VI, mas perfeitamente possível no IV a.C.

A sacralidade decaiu, mas nunca perdeu totalmente sua importância na Grécia antiga. Mesmo que os aristocratas não mais acreditassem tão fortemente nos deuses, e questionassem muitos mitos, eles não deixariam, por isso, de usar os versos de Homero quando estes lhe convinham para justificar seus objetivos.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petropolis. Editora Vozes, Vol. I, 2009.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia*. São Paulo. Editora Martin Claret, 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *A cidade-estado antiga*. São Paulo. Editora Ática, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Sete olhares sobre a antiguidade*. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1998.

DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 1998.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo. Editora Perspectiva. 2013.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade clássica a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

GLOTZ, Gustave. *A cidade grega*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1988.

GUARINELLO, Noberto Luiz. *História antiga*. São Paulo. Editora Contexto, 2013.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte. Editora Autentica. 2014.

MARCONDES, Danilo. *A iniciação à história da filosofia dos pré-socráticos a wittgenstein*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editora. 2005.

MARROU, Henri-irénée. *História da educação na antiguidade*. São Paulo. Editora pedagógica e universitária, 1975.

MOSSÉ, Claude. *O cidadão na Grécia antiga*. Lisboa. Edições 70 Editora, 1993.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1992.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo, Editora Papirus, 1992.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 1999.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. São Paulo. Editora Companhia das letras, 2002.

## **FONTES**

EURÍPIDES, *Medéia*.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*.

HESÍODO. *Teogonia a origem dos deuses*.

HOMERO. *Ilíada*.

HOMERO. *Odisseia*.

HOMERO. *Hino homérico II A Deméter*.

PLATÃO. *A república*.

PLATÃO. *Banquete*.

PSEUDO-XENOFANTES, *A constituição dos atenienses*.

SÓFOCLES. *Antígona*.

SÓFOCLES. *Édipo rei*.

## **NOTAS**

<sup>1</sup> Graduando em História – bacharelado na Universidade Federal do Ceará, Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET).

<sup>2</sup> Uma anedota conta que o filósofo Tales de Mileto, que viveu no século VI a.C. e é considerado o primeiro dos filósofos gregos, caiu em um poço por estar tão distraído observando os astros. Preocupando-se demasiadamente com o sagrado esqueceu-se do mundano. Ver *Historia da educação na antiguidade* p. 82.

<sup>3</sup> Teogonia a origem dos deuses do poeta Hesíodo (século VIII a.C.). Conta a história do surgimento do mundo e descreve as descendências divinas.

<sup>4</sup> Ver *Mito e realidade* p. 11.

<sup>5</sup> Ver *O mundo de Homero* p. 15.

<sup>6</sup> *Odisseia* canto XIII, versos 772-778.

<sup>7</sup> Afrodite salva a vida de Paris quando este enfrenta Menelau, legítimo esposo de Helena. A deusa o retira são e salvo do campo de batalha de onde não sairia com vida não fosse a interferência da deusa.

<sup>8</sup> *Iliada*, canto I verso 1.

<sup>9</sup> *Odisseia*, canto I versos 1-2.

<sup>10</sup> O estrangeiro é um grego, embora de uma outra polis. O bárbaro não é grego, não cultua aos mesmos deuses que eles nem fala a mesma língua.

<sup>11</sup> Guarinello, no capítulo terceiro de seu livro *História antiga* debate bastante acerca da importância deste mar como fator de integração das cidades-estados gregas.

<sup>12</sup> Para uma compreensão mais detalhada acerca dos papéis dos cidadãos ver o capítulo III de *O cidadão na Grécia antiga*.